

AUTOBIOGRAFIA, TEMPO E EXÍLIO EM TR. IV,10

AUTOBIOGRAPHY, TIME AND EXILE IN TR. IV,10

Laís Scodeler dos Santos*

RESUMO

Neste artigo, lançamos nosso olhar aos *Tristia*, obra escrita por Ovídio durante seu período de exílio. Nossa intenção, aqui, é apresentar uma breve análise da relação entre a poesia composta no exílio, o tempo e a autobiografia. Tal relação será observada por meio de *Tr. IV,10* que, segundo a crítica, é uma das elegias responsáveis pela interpretação dos *Tristia* como autobiografia devido à quantidade significativa de material autobiográfico que nela encontramos.

Palavras-chave: autobiografia; exílio; elegia; Ovídio.

* Aluna de Pós-Graduação no programa de Doutorado do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), sob orientação da Profa. Dra. Patricia Prata e com financiamento da CAPES.

Abstract: In this article, we take a look at *Tristia*, work written by Ovid during his period of exile. Our intention here is to present a brief analysis of the relationship between the poetry composed in the exile, time and autobiography. This relation is going to be observed considering *Tr. IV, 10* which, according to the critic, is one of the elegies responsible for the interpretation of *Tristia* as autobiography because of its large amount of autobiographical material.

Keywords: autobiography; exile; elegy; Ovid.

INTRODUÇÃO

Ao tomarmos como objeto de análise e estudo os *Tristia*, poemas compostos pelo poeta Ovídio (43 a. C. - 17 ou 18 d. C.) no seu suposto período de exílio (8 d. C.), faz-se necessário recordar que, até 1960, como Nagle (1980) aponta, tais poemas não eram considerados, em si, obras literárias e serviam, sobretudo, de fonte para informações históricas, biográficas e etnográficas acerca de Ovídio e do local onde teria vivido o resto dos seus dias. Segundo a estudiosa, a partir dessa época, começaram a surgir pesquisas sobre os aspectos poéticos dos *Tristia* e das *Epistulae ex Ponto* (*Pônticas*). Ela, contudo, constata que, ainda assim, trabalhos sobre temas não relacionados aos aspectos poéticos continuaram sendo produzidos, trabalhos esses voltados para os tradicionais “problemas” associados aos *Tristia*, como a causa do exílio¹ ovidiano, por exemplo.

No caso dos *Tristia*, o caráter autobiográfico da obra é algo que, desde a Antiguidade, é posto em relevo tanto pelos estudiosos que acreditam que

¹ Utilizaremos, para nos referir à expatriação de Ovídio os termos “exílio” ou “desterro”, a fim de ficarmos mais próximos dos termos utilizados pelo poeta. Mas, é conveniente, para o nosso estudo, distinguirmos dois termos: *exilium* e *relegatio*. Para isso, utilizaremos as palavras de Prata (2002): “a expatriação de Ovídio não se configura como um *exilium*, mas sim como uma *relegatio*, uma vez que o poeta não perdeu sua cidadania e seus bens não foram confiscados” (p. 117). Embora o poeta chame a si, na maioria das vezes, de *exul*, sabemos que o termo mais apropriado é *relegatus*.3333333.

Nasão expressa, de fato, os infortúnios da sua vida como poeta exilado, quanto pelos que põem em dúvida até mesmo o fato de Ovídio ter sido exilado, como é o caso de Brown (1985). E, devido a certa escassez de fontes que pudessem comprovar ou não o desterro do poeta, como melhor discutimos em nossa dissertação², a obra escrita em Tomos adquiriu um “status” de arquivo da vida de Ovídio. Essa carência de fontes que discutam o exílio do poeta e que possam, de fato, comprová-lo, pode, ainda, ter motivado tanto a atribuição de caráter documental à obra, que seria, dessa forma, considerada uma fonte histórica, quanto, posteriormente, os questionamentos acerca da própria veracidade do exílio.

Outro motivo que leva a uma leitura do livro dos *Tristia* como documento histórico do próprio exílio, como sugere Nagle (1980), deve-se ao fato de a obra ter sido frequentemente lida e tomada como uma autobiografia, o que também convida a uma leitura mais histórica, factual, pois é como se o poeta estivesse narrando os fatos de sua vida tal como ocorreram. A estudiosa ressalta, ainda, que, a partir da década de 60, os estudos acerca dessa obra eram voltados, justamente, para o seu conteúdo biografista. E, desde então, observamos que a obra joga com as características do gênero elegíaco romano e chega até mesmo deixar em suspenso algumas de suas convenções.

O aspecto mais marcante dessa suspensão, para nós, está relacionado à matéria central das elegias compostas no desterro: Ovídio versava, predominantemente, sobre amor e, durante o exílio, escreve uma obra que, à primeira vista, chama mais atenção pela quantidade considerável de material autobiográfico, como demonstra Möller (2015), e por possuir como temática principal o sofrimento da persona do querelante exilado. Outros tópicos foram

² SANTOS (2015).

explorados, ainda, pelos estudiosos que, segundo Nagle (1980) tomavam as obras do exílio como fonte de informação sobre a vida real de Ovídio.

Tais tópicos dizem respeito ao modo como Ovídio reagiu ao exílio e ao possível aprendizado da língua nativa de seu local de desterro³, por exemplo. Como podemos perceber, mesmo que haja uma abordagem variada relacionada às temáticas existentes nos versos escritos no desterro, não podemos dizer que as informações relativas a ele sejam, de fato, abundantes.

Para exemplificar a carência de informações acerca do exílio do poeta em fontes antigas, podemos descrever o modo como Della Corte (1973), comentador dos *Tristia*, as utiliza. Primeiramente, o estudioso apresenta as possíveis causas para a condenação de Ovídio por meio dos dados presentes em trechos da própria obra e, em seguida, recorre aos poucos excertos encontrados em fontes antigas. Della Corte (1973) parte, então, das informações encontradas nos versos da obra que sinalizam possíveis causas do desterro e toma como parâmetro Tr. II, 207, em que Ovídio atribui à sua condenação dois motivos: um poema e um erro (*carmen et error*).

No que diz respeito à motivação não relacionada à produção poética, por exemplo, ele discorre tomando como base o que foi dito na elegia IV,10 e em outras partes da obra:

Uma vez que a culpa era conhecida pelos contemporâneos (*trist.* IV 10, 99), Ovídio pode nos falar sobre ela sempre, sem nunca dizer qual realmente é. Mas, a partir dos seus versos sabemos que, se não tiver sido um delito (*trist.* IV 10, 90), seria, em vez

³ O poeta tematiza essa questão em Tr. III 14, 47-50: “*Threicio Scythicoque fere circumsonor ore/Et uideor Geticis scribere posse modis./ Crede mihi, timeo ne sint inmixta Latinis/Inque meis scriptis Pontica uerba legas.*” “Estou de todo cercado pela fala trácia e cítica/E parece-me possível escrever em ritmos getas/Crê-me, temo que estejam misturadas ao latim/E em meus escritos palavras pônticas leias.” - Trad. Prata (2007). Já em Ex P. IV, 13, 19-20, o poeta afirma tê-lo feito.

disso, uma aberração (*trist.* I 2, 98; 3, 37; II 109; III 3, 75), algo chocante (*trist.* I 5, 42), uma estupidez (*trist.* III 6, 35). (p.12)⁴

Como vemos acima, o comentador parece inferir dos *Tristia* as hipóteses relativas ao motivo pelo qual Ovídio teria sido desterrado. Para cada hipótese há, pelo menos, um excerto proveniente da obra⁵. Após apresentarmos, brevemente, o modo como o comentador trata as causas do exílio, retirando-as da própria obra, achamos necessário observar como ele lida com as demais fontes antigas, que não a obra em questão. Voltando-nos, então, para elas, percebemos que também pouco nos dizem sobre o exílio.

Encontramos em Della Corte (1973) poucas referências, já que, segundo ele mesmo nos diz, para os contemporâneos de Ovídio, o(s) motivo(s) causador(es) do desterro já era(m) conhecido(s) e, talvez por isso, nenhuma das fontes antigas o menciona e/ou discute. Uma das fontes antigas citadas pelo comentador é o *Epitome de Caesaribus*, de Sexto Aurélio Vitor (320 d. C. – 390 d.C.)¹², que, como podemos ver, apresenta um motivo já conhecido por nós, oriundo dos próprios versos ovidianos, como causa do exílio, melhor dizendo, a *Ars Amatoria*

Augustus...poetam Ovidium...pro eo quod tres libelos amatoriae artis conscripsit, exilio damnavit. (Epitome de Caesaribus)

Augusto condena ao exílio o poeta Ovídio porque ele escreveu os três livros da Arte de Amar.⁶
(I, 24, grifos nossos)

⁴ “Dato che la colpa era nota ai contemporanei (*trist.* IV 10, 99), Ovidio può parlarne a lungo, senza mai dire quale realmente essa sia. Ma dai suoi versi sappiamo che, se non era delitto (*trist.* IV 10, 90), era invece un’aberrazione (*trist.* I 2, 98; 3, 37; II 109, III 3, 75), una sciocchezza (*trist.* I 5, 42), una stoltezza (*trist.* III 6,35)”.

⁵ Della Corte também utiliza as *Ep. ex Ponto* como fonte de informações acerca do exílio do poeta.

⁶ Tradução nossa.

No excerto acima, destacamos, em negrito, a causa apresentada por Sexto Aurélio para o exílio de Ovídio: a produção dos três volumes daquela obra amatória. Mais adiante, Della Corte (1973, p.16) cita outro autor antigo, Sidônio Apolinário (430 d. C. – 489 d. C.)⁷, que, em seu *carmen*, diz que Ovídio foi exilado por cantar, excessivamente, uma tal Corina, que, segundo Della Corte, poderia ser uma das “Júlias”:

et te carmina libidinosa
notum, Naso tener, Tomosque missum
quondam Caesarea nimis puellae
ficto nomine subditum Corinae?

(carm. 23, 158-161)

e a ti pelos poemas libidinosos
conhecido, o doce Nasão, e outrora enviado a Tomos
por ter submetido exageradamente uma moça Cesárea
ao nome fictício de Corina?⁸

Vimos que, para os antigos citados, o motivo do exílio também não era consensual, uma vez que Sexto Aurélio Vítor o atribui à produção da *Ars* e Sidônio Apoliário acredita que ele estava relacionado ao fato de o poeta versar sobre umas das mulheres da Casa dos Césares. Por meio desses exemplos, percebemos, de fato, que não temos, neles, informações suficientes sobre o exílio ovidiano para que possamos, ao menos, descrevê-lo. Além disso, o que temos está, portanto, mais próximo do que seriam especulações do que de fatos propriamente ditos. Como dissemos, os fragmentos apontam

⁷ É interessante, ao considerarmos o testemunho dos antigos, pensarmos se já não estariam influenciados por uma leitura em chave biografista da obra ovidiana do exílio, levando em conta, principalmente, a distância de aproximadamente três séculos entre eles.

⁸ Tradução nossa.

para o acontecido e, ainda que ofereçam possíveis causas, como o fazem os excertos de Sexto Aurélio Vítor e Sidônio Apolinário, não há, em nenhum deles, por exemplo, uma reflexão mais detalhada sobre o exílio do poeta: eles apenas o mencionam, sem, contudo, discuti-lo.

1 – AUTOBIOGRAFIA E TEMPO EM TR. IV, 10

Ao mencionarmos a leitura dos versos do exílio como autobiografia, é de suma importância que pensemos na elegia IV, 10 da obra em questão. Tal elegia, objeto de nossa análise aqui, tem ensejado uma considerável fortuna crítica que ressalta, principalmente, o seu caráter autobiográfico. Nesse sentido, como propõe Möller (2015), *Tr. IV,10* foi responsável por fazer com que Ovídio fosse considerado um autor de autobiografia, pois, ali, a persona versa temas como sua origem, seu passado, sua família e, ao fazê-lo, precisa nomes, locais e datas, correspondentes aos períodos por ela vividos ou que indicam acontecimentos passados e presentes.

Para melhor definir a opinião da crítica em relação à elegia, temos o exemplo de Fredericks (1974), que, em sua análise, lembra que esse poema é considerado uma fonte sobre a vida do poeta Ovídio. Assim como ele, Fairweather (1987) enfatiza o caráter autobiográfico de *Tr. IV, 10* e, a isso, acrescenta: “mas, um crescente interesse na poesia do exílio de Ovídio começou agora, nos últimos tempos, a promover sérios esforços a fim de apreciar suas qualidades literárias.”⁹ (p.181) Já Möller (2015), ao discorrer sobre autoficção em Ovídio, diz que o poeta nos apresenta muitas informações autobiográficas por meio das *personae* (“masks”) das quais ele lança mão, a fim de assumir vários papéis. Ela diz:

⁹ “but increasing interest in the poetry of Ovid’s exile has now at last started to promote serious efforts to appreciate its literary qualities.”

O próprio Ovídio nos apresenta uma grande quantidade de informação biográfica que é corrompida por suas máscaras; os fatos que ele fornece são também apenas inerentes ao texto. Ovídio é visto, portanto, como um mestre da autoficção . (MÖLLER, 2015, p.1)¹⁰

De acordo com o excerto, podemos observar que as informações relativas à vida de Ovídio, dadas ao leitor pelo sulmonense, foram manipuladas poeticamente e, por isso, estariam corrompidas, uma vez que o conteúdo presente nos versos ali se encontra como objeto de construção poética, cuja finalidade maior é a obtenção de efeitos de sentido, não se caracterizando, a nosso ver, exclusivamente como documento ou arquivo pessoal. Em sua análise, ela, na esteira de Fredericks (1974) e Feiweather (1987), afirma que essa elegia está inserida na tradição da *sphragis*¹¹, ou, melhor dizendo, da autobiografia¹². Möller (2015, p.7) diz o seguinte sobre o uso da *sphragis*:

O autor marca a sua obra usando uma assinatura individual para documentar sua reivindicação à propriedade [da obra]. Ocasionalmente, tais “sinais” consistem apenas de pequenas datas epigramáticas detalhando o local ou ano de nascimento ou a situação financeira da família; às vezes a *sphragis oferece, também, uma informação codificada, que é entendida apenas de forma privada.*

¹⁰ “Ovid himself presents to us a large amount of biographical information which is corrupted by his masks; the facts he provides are also only inherent in the text. Ovid is thus seen as a master of autofiction.”

¹¹ Sobre o assunto: Paratore (1959)

¹² Na definição de Pascal (1960, p.10) “Autobiography means therefore discrimination and selection in the face of the endless complexity of life, selection of facts, distribution of emphases, choice of expression. Everything depends on the standpoint chosen...” (Autobiografia significa, conseqüentemente, uma discriminação e uma seleção face a interminável complexidade da vida, seleção de fatos, distribuição de ênfases, escolha de expressão. Tudo depende do ponto de vista escolhido...”)

Encontramos, nos versos da elegia *Tr. IV 10*, muitas informações relativas à vida da persona poética que são, costumeiramente, utilizadas pelos estudiosos como dados verídicos acerca da vida do próprio Ovídio, tais como as sinalizadas pela estudiosa na passagem acima. Notamos, então, que a elegia *IV,10* oferece diversas dessas informações que podem nos levar a considerá-la uma espécie de *sphragis*, como o faz Möller (2015). Para exemplificar as palavras da estudiosa, observemos os versos de *Tr. IV,10*:

*Ille ego qui fuerim, tenerorum lusor amorum, WAE
Quem legis, ut noris, accipe, posteritas.
Sulmo mihi patria est gelidis uberrimus undis
Milia qui nouies distat ab Vrbe decem.
Editus hic ego sum, nec non, ut tempora noris,
Cum cecidit fato consul uterque pari.
Si quid id est, usque a proavis uetus ordinis heres,
Non modo fortunae munere factus eques.
Nec stirps prima fui, genito sum fratre creatus
Qui tribus ante quater mensibus ortus erat.*

(vv. 1-10)

Escuta¹³, ó posteridade, para que saibas,
aquele que fui, o cantor de ternos amores, que tu lês.
Sulmona é minha pátria, riquíssima em águas frescas,
Nove vezes dez milhas distante de Roma.
Nasci nesse lugar, e, para que saibas a época,
Quando sucumbiram ambos os cônsules por igual sina.
Se tiver algum valor, sou, de meus bisavôs, um velho herdeiro
de sua ordem,
Não me tornei há pouco um cavaleiro por um favor do destino.

¹³ As traduções dos *Tristia* aqui apresentadas são de Prata (2007).

Ao utilizar dados relativos à cidade de Sulmona, local onde o poeta Ovídio nasceu, informações relativas à temperatura da água (*est gelidis uberrimus undis*), no verso 3, e, no verso 4, sobre a distância entre a cidade e Roma (*Milia qui nouies distat ab Vrbe decem*), cantando-as e descrevendo-as por meio de verbos no presente, como *est (gelidis)* e *distat*, por exemplo, podemos notar que o eu poético é capaz de estabelecer uma relação mais próxima com o leitor. Isso ocorre por meio do uso de verbos nesse tempo que pode causar, no interlocutor, a sensação de proximidade com quem lhe fala, caracterizando, assim, o efeito de presentificação, sugerido por Prata (2007).

Em nossa dissertação, abordamos, ainda, elementos de caráter autobiográfico presentes na elegia em questão e percebemos a importância de um aspecto presente na autobiografia e existente em *Tr.* IV,10: a interação entre passado e presente. Nas palavras de Fredericks (1976)¹⁴, temos:

A organização de Ovídio de *Tr.* 4.10 em partes, como nós devemos observar, lidando com o passado e o presente, pode surgir da sua situação particular, mas isso também constitui um elemento intrínseco à autobiografia, a interação e a resolução do passado e do presente.¹⁵ (p.141)

Já em relação à data do nascimento do poeta, percebemos que há em *Tr.* IV,10 uma progressão cronológica, narrada por Ovídio na seguinte ordem: o poeta informa-nos sobre seu nascimento (vv. 3-14), em seguida, sobre sua educação e escolha da carreira (vv. 15-40), fala sobre sua carreira até o desterro (vv. 41-64); sobre sua vida privada (vv. 65-80), e, finalmente, sobre o exílio (81-130). Notamos, pela progressão acima, que não apenas em *Tr.*

¹⁴ "Ovid's organization of *Tr.* 4.10 into halves, as we shall see, dealing with the past and the present may arise from his particular predicament, but it also constitutes an element intrinsic to autobiography, the interaction and resolution of the past and the present."

¹⁵ Tradução nossa.

IV, 10, mas, na obra como um todo, há uma importante relação com o tempo. Essa relação tão próxima e tão particular pode ser entendida como uma das características da autobiografia.

Pascal (1960) define a autobiografia, ainda, como uma interação, uma conclusão, entre passado e presente, e ressalta que sua importância, de fato, se relaciona mais com a revelação do presente do que com a descoberta do passado. Por isso, ainda que existam informações relativas ao que seria o passado do eu poético ovidiano, podemos entender que o principal objetivo ao apresentar tais informações no poema em questão é contar ao leitor o quão triste é a sua atual situação, o seu presente, o exílio. Em seguida, veremos como isso se dá em *Tr. IV, 10*.

Para demarcar o tempo, encontramos expressões como *ut tempora noris*, no verso 5, e *qui tribus ante quater mensibus ortus erat*, no verso 10, que sinalizam a diferença de tempo entre o nascimento de Ovídio e o do irmão, por exemplo. Esses marcadores temporais, pensamos, inseridos no decorrer da elegia, podem contribuir para criar, no leitor, a impressão de que Ovídio está, de fato, oferecendo uma narrativa factual da sua vida e criando, com isso, também no leitor, o que podemos chamar de ilusão de realidade.

Mas, ainda que tenhamos os marcadores temporais, não podemos nos esquecer de que Ovídio assume nos *Tristia* uma *persona* poética, uma máscara, segundo nos lembram Möller (2015) e Holzberg (2006, p. 52), que diz: “Sim, o poeta exilado é também uma *persona*, como é, além disso, também o narrador na ‘autobiografia’¹⁶”. Isso quer dizer que, ainda que a elegia IV, 10 esteja, como a obra toda, repleta de material autobiográfico, continua sendo um poema e, por isso, temos um eu poético a conduzir os versos e que ao lançar em seus versos informações autobiográficas, alcança

¹⁶ “Yes, the banished poet is a *persona* too, as is, therefore, even the speaker in the ‘autobiography’.”

um efeito de sentido que, por se tratar de poesia, está, para nós, muito mais próximo da verossimilhança do que da realidade propriamente dita.

3 – EXÍLIO E CARREIRA POÉTICA

O dado biográfico, como vimos, faz parte da temática do poema, e, sendo considerado um recurso poético, pode ser modificado, transformado, ou moldado, o que fará com que se obtenha o efeito poético adequado. Para exemplificar o que estamos dizendo, podemos citar o modo como a relação entre Ovídio e o irmão nos é apresentada, a partir dos seguintes versos:

*Nec stirps prima fui, genito sum fratre creatus
Qui tribus ante quater mensibus ortus erat.
Lucifer amborum natalibus affuit idem;
Vna celebrata est per duo liba dies:
Haec est armiferae festis de quinque Mineruae,
Quae fieri pugna prima cruenta solet.
Protinus excolimur teneri curaque parentis
Imus ad insignes Urbis ab arte uiros.
Frater ad eloquium uiridi tendebat ab aeuo,
Fortia uerbosi natus ad arma fori.
At mihi iam puero caelestia sacra placebant
Inque suum furtim Musa trahebat opus.
Saepe pater dixit: "Studium quid inutile temptas?
Maeonides nullas ipse reliquit opes."
Motus eram dictis totoque Helicone relicto
Scribere temptabam uerba soluta modis.
Sponte sua carmen numeros ueniebat ad aptos,
Et quod temptabam scribere uersus erat.*

(vv. 9-24)

Não fui o primogênito, nasci depois de meu irmão,
Que quatro vezes três meses antes viera à luz.
A mesma estrela assistiu ao nascimento de nós dois
E um único dia foi celebrado com dois bolos:
É este, dos cinco dias de festa da armífera Minerva,
O primeiro em que acontecem os sangrentos combates.
Desde a infância, fomos educados e, por cuidado de nosso pai,
Enviados até os mestres de Roma, ilustres por sua arte.
Desde a flor da idade, meu irmão inclinava-se à eloquência,
Nascido para duras contendidas do fórum loquaz.
Mas a mim, ainda criança, deleitavam os ritos sublimes,
A Musa furtivamente arrastava-me a sua arte.
Meu pai amiúde dizia: “Por que tentas um estudo inútil?
Nem o próprio Meônida deixou bem algum.”
Abalavam-me tais dizeres e, abandonado todo o Hélicon,
Arriscava palavras livres de metro:
Mas, por si, vinha a poesia no metro adequado,
E o que tentava escrever saía em verso.

Nos versos acima, temos representada parte da relação entre Ovídio e seu irmão. Como podemos observar, segundo os versos citados, Ovídio e ele foram enviados a Roma, mas, ainda que tenham compartilhado a mesma educação, o irmão inclinava-se à eloquência (*eloquium*), como nos diz o verso 16, enquanto a Musa arrastava Nasão para a arte dos versos e, mesmo que tentasse escrever palavras livres de metro, ou em prosa, vinha a poesia no metro adequado (*et quod temptabam scribere uersus erat.*, v. 24)

Temos, então, claramente, uma representação das diferenças entre as inclinações de Ovídio e de seu irmão, a qual Fredericks (1976), em sua análise, define como sendo “um exemplo do uso imaginativo feito por Ovídio

da minúcia autobiográfica¹⁷ (p.146). Isso significa que o poeta joga com o material autobiográfico e o utiliza para alcançar efeitos de sentidos mais adequados ao contexto de seus versos e não como uma mimese da sua realidade extrapoética.

Para o estudioso, o efeito seria possibilitar a Ovídio representar seu conflito entre a carreira pública e a poética, a partir do desenvolvimento do contraste entre o poeta e o irmão. Isso acontece porque Ovídio ressalta a inclinação do irmão para a eloquência, ou, melhor dizendo, para a retórica, enquanto ele prefere a carreira poética, contrariando, inclusive, seu pai, que, segundo Nasão, pensava ser a poesia um *studium inutile*, como vemos nos versos 20 e 21 (*Saepe pater dixit: "Studium quid inutile temptas?/Maeonides nullas ipse reliquit opes."*) A esse respeito, podemos ressaltar, também, que em uma obra ovidiana anterior, Amores (Am. I 15, 6), o eu poético nos revela que a poesia é tomada como um estudo inerte (*Ingenii inertis*):

*Quid mihi Liur edax, ignavos obicis annos,
Ingeniique uocas carmen inertis opus*

Por que, Inveja voraz, condenas-me por ociosos anos
E designas a poesia empresa de engenho inerte ¹⁸

Segundo Vessey (1981) era comum acreditar que a poesia amorosa era produto da *ignauia*, *inertia* e *desidia*, e, curiosamente, vemos representadas tais ideias nos versos ovidianos, mais diretamente, nas palavras do pai de Ovídio. Aqui, podemos entender a representação de tal ideia, inicialmente, como sendo mais um dado contra a continuidade da carreira poética ovidiana.

¹⁷ "(...) an example of Ovid's imaginative use of biographical detail."

¹⁸ Tradução nossa.

Entretanto, mesmo dizendo-se abalado com as palavras do pai e tentando escrever em prosa, vimos, acima, que Ovídio acaba escrevendo poesia— como faz nos *Tristia*, ao voltar a escrever mesmo que tenha sido condenado por fazê-lo. Por isso, é perceptível a manipulação do material de caráter biográfico, a fim de produzir determinado efeito, como, por exemplo, colocar a poesia em relevo e, mais ainda, como defesa da poesia.

Em Sêneca, o Velho (54 a. C. – 39 a. C.), encontramos, novamente, as ideias que são sugeridas nos *Tristia*, como a inclinação de Ovídio à poesia e sua participação nas aulas dos mestres de retórica¹⁹. Vejamos, então, o que o mestre de retórica diz:

*Hanc controversiam memini ab Ovidio Nasone declamari apud
rhetorem Arellium Fuscum, cuius auditor fuit, cum diversum
sequeretur dicendi genus, nam Latronis admirator erat. habebat
ille comptum et decens et amabile ingenium. oratio eius iam
tum nihil aliud poterat videri quam solutum carmen. adeo autem
studiose Latronem audit, ut multas illius sententias in versus
suos transtulerit.*²⁰ (*Controv. II, 2, 8*)

Lembro-me de Ovídio Nasão declamar esta controvérsia na presença do mestre de retórica Arélio Fusco, de quem era

¹⁹ É interessante, ainda, ressaltar que não é a primeira vez que Ovídio apresenta uma contraposição entre poesia e retórica, em (Am. I 15, 1-6), temos: Non me more patrum, dum strenua sustinet aetas,/Praemia militiae puluerulenta sequi/Nec me uerbosas leges ediscere nec me/ Ingrato uocem prostituisse foro? (Condenas-me por não perseguir os fatigosos prêmios da milícia./ Conforme meus antepassados, enquanto a idade ativa me sustém/E por não decorar prosaicas leis e por não ter/ Prostituído minha voz em ingrato fórum?) (Trad. Bem, 2007, p. 241). Sobre Ovídio e a retórica, indicamos: Fantham (2009), Schiesaro (2006), Tarrant (1995).

²⁰ É interessante, ainda, ressaltar que não é a primeira vez que Ovídio apresenta uma contraposição entre poesia e retórica, em (Am. I 15, 1-6), temos: Non me more patrum, dum strenua sustinet aetas,/Praemia militiae puluerulenta sequi/Nec me uerbosas leges ediscere nec me/ Ingrato uocem prostituisse foro? (Condenas-me por não perseguir os fatigosos prêmios da milícia./ Conforme meus antepassados, enquanto a idade ativa me sustém/E por não decorar prosaicas leis e por não ter/ Prostituído minha voz em ingrato fórum?) (Trad. Bem, 2007, p. 241). Sobre Ovídio e a retórica, indicamos: Fantham (2009), Schiesaro (2006), Tarrant (1995).

discípulo; pois ele era admirador de Latrão, mesmo tendo seguido um estilo diferente de falar. Ele possuía um engenho elegante, gracioso e amável. Seu discurso já podia ser visto como nada mais que poesia em prosa. Além disso, ouvia Latrão tão avidamente que traduziu muitas das suas máximas para seus próprios versos²¹.

Nas palavras de Sêneca, o Velho, podemos encontrar certos detalhes que não fazem parte do conteúdo de Tr. IV, 10, como, por exemplo, os nomes dos mestres de retórica, Aurélio Fuso e Pórcio Latrão, algumas características sobre o engenho (*comptum, decens, elegans*) e a prosa de Ovídio, que, segundo o *retor*, era nada mais do que “poesia em prosa”. Podemos notar, ainda, que quando Sêneca menciona a influência de Latrão na formação de Ovídio, indica que essa influência seria tão intensa que o poeta teria chegado a transpor muitas de suas sentenças para seus versos.

Para representar a solução do conflito existente entre poesia e retórica, voltando-nos ao texto ovidiano, podemos pensar no verso 32 e em seu conteúdo:

*Iamque decem uitae frater geminauerat annos,
Cum perit, et coepi parte carere mei.*

(vv. 31-32)

Já tinha meu irmão duplicado seus dez anos de vida
Quando morreu, e pela primeira vez perdi parte de mim.

Ovídio, acima, versa sobre a morte do irmão e, ao se referir ao ocorrido, não diz apenas que o irmão morreu, mas que perdeu parte de si (*et coepi parte carere mei*). Segundo Fredericks (1976), ao tratar assim a morte do

²¹ Tradução nossa.

irmão, Ovídio representa também, a morte de suas pretensões retóricas e da carreira pública e, com isso, sela a escolha pela vida poética. Ainda segundo o estudioso, se Ovídio não tivesse tido um irmão, teria de representar o conflito entre poesia e retórica de outra forma.

Para ele, em comentário sobre a inserção de material biográfico relativo a seu relacionamento com o irmão: “Devemos entender que ele inclui esses fatos da sua vida para articular o conflito que ele experienciou ao escolher uma carreira, e não apenas para celebrar o irmão e seu relacionamento.”²² (*ibid.*,p.147). A nosso ver, as palavras do estudioso corroboram a ideia de que, ainda que a obra composta no exílio esteja repleta de informações que apontem para a figura do autor de carne e osso, é de suma importância que se considere o uso de tais informações também como um recurso poético, não apenas pelo gênero dos poemas em que se encontram, mas, porque, por se tratarem de poesia, não possuem, de fato, uma ligação obrigatória com a realidade.

4 – CONCLUSÃO

Para nós, também as palavras de Fredericks (*ibid*) evidenciam que o material biográfico, ao que parece, pode ser tão manipulado quanto qualquer outro recurso poético e que o objetivo de manipulá-lo seria a produção de um determinado efeito de sentido. É interessante observar que, nos *Tristia*, é parte do jogo poético fazer com que a persona se confunda com o autor de carne e osso e, podemos dizer, talvez, que o que ajuda nesse processo é a quantidade de material biográfico existente não apenas na elegia IV,10, mas em todas a obra.

²² “We must realize that he includes these facts from his life to articulate the conflict he experienced in choosing a career, and not simply to commemorate his brother and their relationship.”

Concluimos, então, em nossas análises, que, ainda que o material autobiográfico esteja presente nos *Tristia* de forma considerável, seu caráter metapoético é certamente inegável. Como exemplo, podemos citar a relação de Ovídio e seu irmão do modo como o poeta a descreve em seus versos. Nela, segundo Fredericks (1976) chama atenção, percebemos, que as informações relativas tanto à vida de Ovídio quanto à sua carreira poética estão inseridas ali de tal maneira que o efeito de sentido alcançado é aquele que enfatiza o papel da poesia na vida do poeta, dando prioridade a tal arte.

Desse modo, notamos que vate joga com a minúcia autobiográfica e, ao fazê-lo, tanto induz o leitor incauto a interpretar seus versos em chave biografista, uma vez que tantas informações ligadas à pessoa de carne osso ali reunidas acabam por erigir uma subjetivação que, como vimos, é forjada pelo *modus operandi* ovidiano e é, ainda, parte do que Möller (2015) define como sendo um elemento da autoficção existente nos *Tristia*.

Para nós, o fato de os versos ovidianos, cujo caráter poético é, hoje, tão reconhecido quanto inegável, terem sido lidos como sendo autobiográficos e, por isso, interpretados como um arquivo da vida do poeta, evidencia que Ovídio é, com certeza, um mestre da subjetivação forjada, da autoficção. Por isso, é capaz de fazer com que os dados presentes em sua obra sejam confundidos com a realidade, evidenciando não apenas a sua destreza, mas, também, escancarando a sua grandeza enquanto poeta ao lidar de forma tão peculiar com a elegia e suas características. Por isso, concordamos com Harrison (2006) quando ele diz que “supergênero” é um termo mais adequado do que gênero para definir a maestria com que Nasão lida com a elegia.

BIBLIOGRAFIA

- BEM, L.A. O amor e a guerra no livro I d'Os "Amores" de Ovídio. 2007. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BROWN, F. The unreality of Ovid's Tomitan exile. In: *Liverpool Monthly Collection*, vol. 10.2, pp.18-22, 1985.
- FAIRWEATHER, Janet. Ovid's Autobiographical Poem, *Tristia* 4.10. In: *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 37, n. 1, p.181-196, 1987. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/639354>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- FREDERICKS, B. R. *Tristia* 4.10: Poet's Autobiography and Poetic Autobiography. *Transactions Of The American Philological Association, The Johns Hopkins University Press*, p.139-154, 1976. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/284096>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- HARRISON, S. Ovid and genre: evolutions of an elegist. In: *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge University Press, 2006, pp.79-94.
- HOLZBERG, N. Playing with his life: Ovid's 'autobiographical' references. In: *A Companion to Ovid*. (ed.) Peter Knox. Blackwell, 2009, pp. 51-68.
- MÖLLER, M. "Ovid", in *Handbook Autobiography/Autofiction*, (ed) Martina Wagner-Egelhaaf, Berlin-New York , 2015 (no prelo)
- NAGLE, B.R. The Poetics of Exile: Program and Polemic in the *Tristia* and *Epistulae ex Ponto* of Ovid. *Bruxelas*. In: *Latomus*, vol. 170, 1980.
- OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Belles Lettres, 1987.
- OVIDIO. *Il Tristia*. Volume primo. Traduzione di Francesco Della Corte. Genova-Sestri: *Tilgher-Genova*, 1972.
- _____. *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PASCAL, R. *Design and Truth in autobiography*, Londres, Routledge & Keagan, 1960.
- PARATORE, E. L'evoluzione della "sphragis" dalle prime alle ultime opere di Ovidio, *Atti del Convegno internazionale Ovidiano* (Roma, 1959), I .173-203, esp. p. 201.

- PRATA, P. O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos. 2007. 408 f. Tese (doutorado) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- _____. O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I 2002. 163 f. Dissertação (mestrado) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SANTOS, L. S. Autobiografia e a presença da Ars Amatoria nos Tristia de Ovídio. 2015. 122f. Dissertação (mestrado) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- SENECA the Elder. *Declamations, Volume I: Controversiae, Books 1-6*. Tradução de Michael Winterbottom. Loeb Classical Library. Cambridge. Harvard University Press, 1974.
- VASCONCELLOS, P. S. O Cancioneiro de Lésbia. Hucitec, São Paulo, 1991.
- VESSEY, D. W. T. C. Elegy eternal: Ovid, Amores 1.15. *Latomus*, 1981, vol. 40, pp. 607-617.